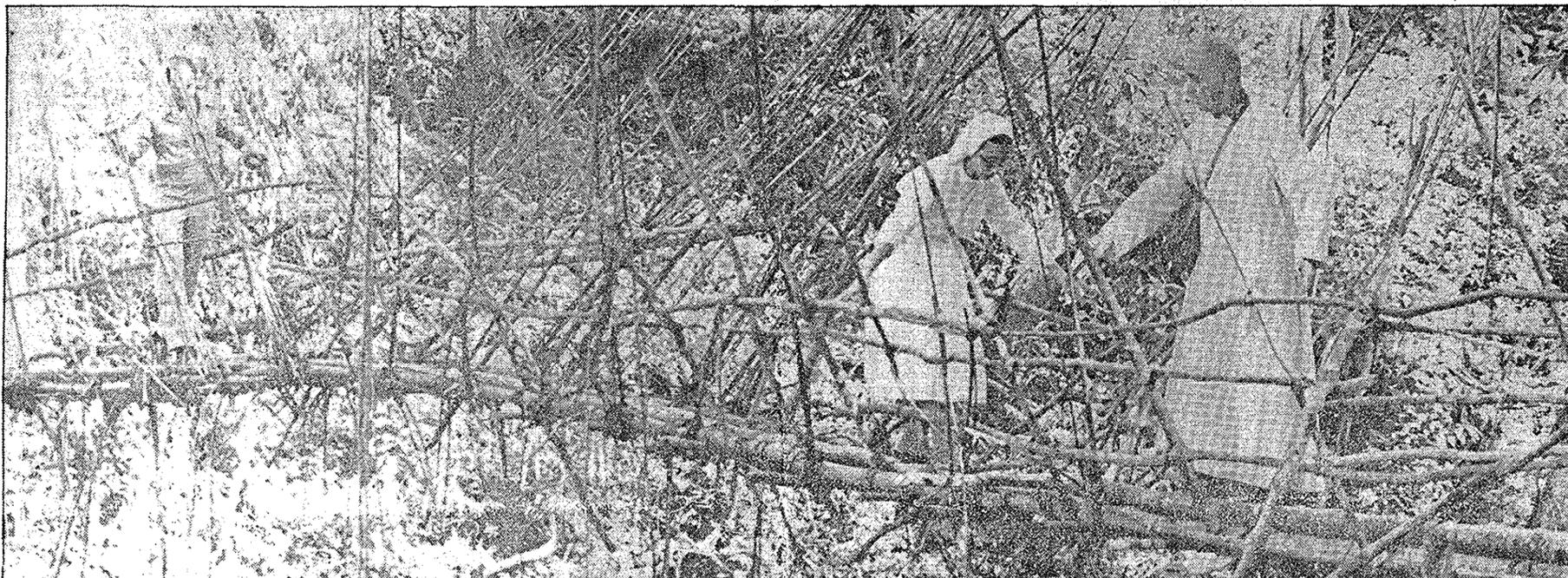


# Uma viagem pelo mundo dos índios e dos salesianos



Índios da tribo tucano estão deixando a escola da missão salesiana em Iauareté, no Amazonas, para cultivar folhas de coca nos povoados da Colômbia, próximo à fronteira entre os dois países. Atravessam o rio Papuri, que se para o Brasil da Colômbia, com a promessa de retornar com muito dinheiro. Mas voltam fracos, doentes, sem recursos e viciados. Muitos nunca mais voltam e seu destino é ignorado.

Não há estatísticas oficiais, mas padres e freiras da Prelazia do rio Negro têm certeza que é cada vez maior o

número de tucanos, inclusive crianças, que vão plantar coca nos povoados de Mitú e Vila Vicente, na Colômbia. Como não existe fiscalização na fronteira brasileira, o alívio é facilitado e os religiosos, revoltados, assistem à fuga dos índios.

Os poucos que retornam à missão revelam que é comum, de madrugada, as lanchas ("voadeiras") cortarem as águas dos rios, levando pacotes de dinheiro e voltando com cocaína. Outras vezes, os traficantes improvisam aeroportos na floresta, iluminados com tochas, no interior da Co-

lômbia, para que pequenos aviões possam descer e retirar o tóxico. Os comentários são de que os traficantes pertencem à "máfia internacional".

Por causa da falta de mão-de-obra na fronteira, os índios brasileiros são os principais responsáveis pelo cultivo das folhas de coca. Antes, o movimento era menor: empregados de fazendas penetravam nas terras das Missões, oferecendo trabalho e prometendo muito dinheiro, o suficiente para "a compra de um motor (de barco) de 25 cavalos". Mas, agora, ganhou dimen-

sões que preocupam até o bispo da prelazia do rio Negro, d. Miguel Alagna.

Essa é apenas uma das preocupações dos salesianos, responsáveis pelo trabalho de integração de 20 mil indígenas, dos quais quatro mil frequentam suas escolas, em uma área de 280 mil quilômetros quadrados no Amazonas. Há 60 anos eles realizam esse trabalho, ensinando desde o Português até noções elementares de higiene e a letra do Hino Nacional. Ao longo do rio Negro, no Amazonas, há 317 professores índios distribuídos em 117 escolas.

Durante uma semana, reporteres do "Estado" acompanharam o trabalho desenvolvido pelas missões salesianas e as alegrias e tristezas de religiosos que vivem próximo às fronteiras com a Venezuela, Peru e Colômbia. Para isso, percorreram mais de três mil quilômetros em um avião Bandeirante, da FAB, atravessando rios e lagos, andando em tratores e caminhões suíços, construídos antes da II Guerra Mundial.

Muitas vezes, os pilotos tiveram de descer em locais improvisados, de terra e mata, que só eles conhecem. A cada 15 dias, levam manti-

mentos, correspondência e cargas às populações que vivem em locais distantes e desabitados do País. E fazem isso há 40 anos, em um trabalho silencioso, sem divulgação.

Padres e militares permitem que os silvícolas aprendam, progressivamente, a viver com os civilizados. Muitos deles já concluíram a 8ª série — alguns fazem curso na Universidade, em Belém — e dão aulas nas tribos e aldeias. Isso acontece, principalmente, nas regiões consideradas estratégicas, de fronteira, que, no futuro, ficarão sob a responsabilidade dos próprios índios.

Reportagem de PEDRO ZAN e SIDNEY CORRALLO

# Uma integração dentro da selva

## O corpo vai no balaio. O ritual começa

O corpo é levado dentro de um balaio, em direção à fogueira. Os índios empunham suas tochas, entoam cantos e choros e um orador fala das qualidades do morto. Está iniciado o ritual dos Ianomamis, que terminará em uma manifestação de canibalismo. Os ossos do morto serão retirados, esmagados e pulverizados pelos parentes. Depois, misturados a um mingau de banana e ingeridos pelos participantes da cerimônia.

Não há cemitério na tribo dos Ianomamis em Maturacá — uma localidade ao longo do rio Negro, no Amazonas, perto do pico da Neblina e da serra dos Padres, na fronteira com a Venezuela. Os indígenas queimam os mortos — às vezes, eles podem estar apenas desmaiados — junto com todos os seus objetos pessoais. Nada pode restar. É a "despedida" de um índio que nunca mais voltará à tribo.

Perto desse lugar fica outra aldeia de Ianomamis, ainda mais arredada que seus vizinhos. Até agora, eles têm evitado o contato com os civilizados. Do alto, suas malocas lembram muito as construídas pelos índios primitivos e que, hoje, existem apenas nas gravuras de quadros famosos.

Nas terras dos índios tarianos e tucanos há cemitérios, mas o ritual é parecido ao dos Ianomamis. Um mês depois do funeral, o cadáver é desenterrado e colocado sobre o fogo em uma grande panela. Quando restam apenas os ossos carbonizados, eles são triturados, reduzidos a pó e ingeridos, com uma aguardente — o caxiri — até a última gota. Os presentes à cerimônia ficam satisfeitos. Eles acreditam que "as virtudes do morto se transmitem a todos os que ingeriram esta bebida".

Padre Carlos Galli, de 70 anos, responsável pelo contato com os Ianomamis, está desde 1932 no Brasil e nunca viu um ritual igual. Ele fala quatro

línguas indígenas — dá inclusive aulas de Ianomami às crianças índias —, além de grego, hebraico e latim. "Os índios são iguais a nós — diz ele —, merecem todo o respeito". A única e grande diferença é que eles gostam de beber aguardente misturada a ossos triturados.

Além dessa, há outras cerimônias. Em uma delas, os índios injetam uma mistura de folhas de plantas, inclusive coca, nas narinas do pájé. Então, com o corpo todo pintado, ele adquire o direito de receber os espíritos que irão agir sobre seu corpo, enquanto dança de um lado a outro da aldeia.

No ritual dos Ianomamis, apenas dois pájés estão em condições de manter "comunicação extra-terrena". Durante as danças, os pájés incorporam espíritos de pássaros e animais, como antas e urubús. E não enxergam nada à sua frente: em constantes evoluções, chamam os espíritos que lhes pertencem, mas que não podem ser vistos pelos espectadores. Nesse dia, há um ambiente de festa: crianças e adultos formam círculos — na aldeia, há 498 índios e 82 casas de taipa — em torno dos pájés.

Outro ritual, o cariamã, é realizado quando os jovens, do sexo masculino, completam 14 anos e são considerados em condições de procriar. Apenas na noite escolhida, os rapazes podem ter relações sexuais com qualquer mulher índia, mesmo com as que já possuem família. Há, porém, uma condição: o ato sexual terá de ser público e a mulher precisa ser fértil.

O padre Carlos Galli conhece, com detalhes, os costumes dos Ianomamis e já chegou a uma conclusão: "A civilização vai mostrar que o índio tem de viver como gente, e não como animal. Eles vão compreender isso, à medida que perceberem a realidade". Esse é o trabalho da missão salesiana — formada pelo padre e um seminarista — na região da fronteira com a Venezuela.

Com suas vestes brancas e surradas, padre Carlos, referindo-se à cerimônia em que os jovens indígenas mantêm relações sexuais em grupos, diz que "eles irão perceber que o que é do ser humano não pode ser tirado, nem dividido". Os salesianos procuram "proteger a personalidade dos Ianomamis, ajudando-os a compreender sua posição como pessoa humana, através do esclarecimento de seus próprios costumes".

## E surge uma nova visão: a da comunidade

Na prática, começam a surgir os primeiros resultados desse contato. Diariamente, padre Carlos Galli dá aulas de português a 180 crianças índias e, ao mesmo tempo, ensina atividades agrícolas e conceitos de higiene. O salesiano conta, com orgulho, que os Ianomamis, há dois anos, construíram, sozinho, uma ponte de madeira sobre o rio que liga a missão à aldeia. Apesar de precária — os cipós foram pendurados em galhos de árvores — ela se mantém até hoje.

Os índios também passaram a cobrir o corpo com roupas, além de procurar os missionários quando seus filhos adoecem. Antes da vinda dos padres, o índice de mortalidade era alto. Nos últimos três anos, porém, morreram somente dois adultos e três crianças. A verminose ainda continua sendo a doença mais comum entre os Ianomamis.

Padre Carlos já se considera satisfeito com os princípios de "visão comunitária" assimilados pelos índios, acostumados a uma relação de total dependência, em relação ao pájé. Este, no entanto, ainda conserva sua posição de líder do grupo — anda sempre na frente dos demais, como se os estivesse guiando.

Os costumes, na verdade, estão muito arraigados nos Ianomamis. As mulheres vivas têm de ser submissas e aceitar os maridos que lhes, são impostos. Caso ofereçam resistência, o castigo vem rápido: os homens retiram-se e batem em seu corpo com pedaços de pau até deixá-lo bastante marcado. Em seguida, a índia é perdoada e ganha o direito de viver com quem quiser, pois, no conceito da tribo, ela "já pagou suas dívidas".

Os Ianomamis também descobriram composições medicinais, com resultados surpreendentes. Uma delas é envolta, até hoje, em mistérios; muitos civilizados tentaram, sem sucesso, obter sua fórmula. Com ela, as mulheres indígenas evitam a procriação, sem o

perigo de efeitos colaterais. O padre Carlos Galli diz que é comum as mulheres ficarem dois anos sem ter filhos, mantendo relações sexuais normais. Suas observações são baseadas nos depoimentos dos próprios silvícolas.

Ao longo da Prelazia do rio Negro, as tribos indígenas se expressam em três idiomas, além do Ianomami: tucano, aruaque e macú. D. Miguel Alagna, o bispo dos salesianos, é o principal responsável pelo trabalho de aproximação com os índios. Ele vive há 13 anos na sede das missões, em São Gabriel da Cachoeira, a 800 quilômetros de Manaus.

Nesse período, instalou 117 escolas nos locais mais distantes do Amazonas, onde freiras e padres salesianos levam até 15 dias para chegar em frágeis embarcações. Sua preocupação, no momento, não é apenas com o ensino, mas a profissionalização dos índios, para que eles possam aplicar os conhecimentos adquiridos na escola.

A próxima meta da Prelazia do rio Negro é a mecanização da agricultura. Para isso, ela já construiu sete serrarias nas missões, comprou machados e milhares de enxadas. "Quero que os indígenas saiam formados da 8ª série e, depois, possam desenvolver seus conhecimentos na lavoura", explica, sorrindo, d. Miguel Alagna. Ele prefere responder com trabalho às críticas que lhe são feitas, por causa da aculturação das tribos indígenas.

Segundo ele, os silvícolas se acostumaram a procurar as escolas para aprender o português — "eles se interessam mais pela língua que os brancos" — com vantagens: não saem de seu habitat para ir viver em outras cidades, como Belém e Manaus, pois preferem continuar em suas aldeias. Há casos, porém, em que eles completam o último ano escolar e vão viver nas grandes cidades, sentindo-se auto-suficientes e em condições de disputar com os civilizados o mercado de trabalho.

No encontro dos salesianos, em janeiro, será discutida a possibilidade de se dar o curso aos indígenas até a 5ª série, época em que eles completam 14 e 15 anos e já podem casar. Assim, eles se fixariam, com facilidade, em suas aldeias, deixando de contestar a autoridade do pájé, ou negando-se a viver e ter filhos com índias. Isso acontecia na tribo dos tucanos, quando os alunos concluíam a 8ª série.

## O místico já cede espaço à realidade

Adaptações e aperfeiçoamentos ocorrem, com frequência, para que os resultados sejam satisfatórios. O processo de catequização dos índios, por exemplo, teve de ser modificado para que eles continuem aparecendo às aulas de catecismo. Antes, os alunos que frequentavam os cursos das missões, em regime de internato, tinham liberdade para não assistir ao culto religioso. Agora, os salesianos tornaram os cursos obrigatórios.

O bispo da Prelazia do Rio Negro acredita que a integração do índio à civilização "provoca alterações em sua própria cultura, além de novos hábitos que se integram à vida nas aldeias". Na prática, isso é fácil de ser constatado: há silvícolas que querem aprender danças, como o twist, enquanto outros pedem a colocação de sanitários nas escolas, depois da conclusão de cursos de higiene.

Modesto, d. Miguel Alagna, 68 anos, relata que aprendeu muito com os índios, o que o levou a valorizar ainda mais o contato direto. Os livros, segundo ele, nem sempre são suficientes para esclarecer dúvidas — "a antropologia é uma ciência nova" — e, muitas vezes, confundem os pesquisadores. Em algumas publicações, a fantasia mistura-se à realidade. Por exemplo: o bispo do rio Negro leu um livro que afirma existir indígenas com 14 metros de altura.

"A realidade é diferente da teoria" — costuma comentar d. Miguel Alagna. Quando estava na Itália, ele julgava que na região Norte do País existiam amazonas montadas em fogosos cavalos, semelhantes às guerreiras da Antiguidade que habitavam a Ásia Menor. Sua surpresa foi imensa.

Ao dedicar o tempo disponível ao contato com os índios, o bispo pode observar e comparar suas atitudes com as dos brancos. "É certo que os índios amam mais a Pátria que os civilizados e chegam até a ser um pouco fanáticos em suas demonstrações. Além disso, esforçam-se em aprender

cantos, poesias e participar de comemorações cívicas."

Foram os próprios índios que se inscreveram para o serviço militar no 1º Batalhão de Engenharia e Construção, o BEC. De um total de 600 convocados, 50 eram voluntários. Eles fizeram cursos na Prelazia do rio Negro e, depois, trabalharam na abertura de trechos da Perimetral Norte, a estrada que ligará o Brasil à Colômbia e Venezuela.

Segundo o coronel José Henrique Jardim, responsável pelo BEC, os índios se adaptaram, com facilidade, às novas atividades. Aprenderam a dirigir caminhões e trabalhar de pedreiro, carpinteiro, mecânico e operador de máquina. Gostaram de receber salários pelo serviço executado: a abertura de 130 quilômetros de estrada em plena selva amazônica, perto da linha do Equador. E superaram até as lendas que existem na região.

Nas últimas semanas, um vento forte, que lembrou um minicíclone, destruiu parte do telhado de uma construção do BEC. Muitas árvores foram derrubadas, o suficiente para acabar com a tranquilidade em uma região onde há uma atração turística: os Sete Lagos, cada um com uma cor. Não faltaram os que atribuíram o fenômeno a um animal — o curupira — que, de acordo com a lenda, vive na mata e, por onde passa, derruba árvores e retira suas raízes.

Para acalmar seus soldados, o coronel Jardim mandou construir uma elevada guarita, para que os sentinelas sentissem maior segurança nas noites escuras da floresta. Conta a lenda que o curupira é um grande e distorrido macaco que emite sons estranhos e dá pancadas nas árvores que possuem raízes chatas. Chupa miolos das pessoas e nenhuma arma consegue matá-lo; come onças e outros animais, além de ter o costume de sugar o sangue dos homens.

Os soldados evitam comentar as histórias que envolvem a figura do curupira. Ele vivem em uma região de árvores altas, de troncos finos, que agora os fazendeiros começam a derrubar, principalmente à beira da estrada, para a formação de pastagens. No local, onde as árvores são removidas, cresce uma planta, a embaúba, que com a ajuda do sol eleva-se a grandes alturas, permitindo o surgimento de nova vegetação no lugar da anterior.



"Os índios amam mais a Pátria do que os civilizados"

## "A guerra de conquista"

A construção de estradas é apenas um dos aspectos da integração de índios e civilizados, vista pelos militares, como um importante fator de segurança nacional. Numa publicação sobre tribos do rio Uaupés e a civilização brasileira, o brigadeiro Protásio Lopes de Oliveira, atual presidente da Infraero, garante que o trabalho desenvolvido junto aos silvícolas é uma "guerra de conquista".

Nesse trabalho, ele defende o "abrasileiramento dos indígenas" do Amazonas, a ampliação do "sentimento de brasilidade" e o domínio da língua portuguesa no País. Com isso, será mais fácil impedir a divisão do território nacional, o que poderia vir a acontecer "com base na ausência da influência do Brasil nesta imensa Amazônia que lhe pertence".

O brigadeiro Protásio de Oliveira quer evitar que a região seja transformada em um "aglomerado de povos e nações com idiomas próprios, tradições próprias e, quem sabe, governos próprios, como se o fazem na África da atualidade". Mais adiante, ele conclui o pensamento:

— É nesta guerra, sem canhões e sem bombas, que estão empenhados os militares e unidades da FAB com seus aviões, helicópteros e meios de comunicações, os missionários, os nativos da região, as unidades do Exército sediadas na área, os funcionários da Funai, os órgãos federais, estaduais e municipais.

Há uma preocupação do governo em ajudar os que se dedicam ao aculturação do índio, à sua integração e desenvolvimento, para que o resultado do trabalho seja "a defesa da segurança de toda essa região". Uma cena marcou a vida do brigadeiro Protásio: em uma das viagens pela região, na localidade de São Joaquim, às margens do rio Içana, ele foi mal recebido por uma população que sequer falava o português. Na escola havia apenas uma tabuleta: "Escola para los ninós".

Um ano depois, a realidade era outra. O Ministério da Aeronáutica tinha aproximado São Joaquim do resto do País, com a construção de um aeroporto na região. E a nova recepção ao brigadeiro foi tipicamente brasileira, com festas e oferendas; o tuchava — o chefe da tribo local — foi recebido em traje de passeio completo, inclusive gravata e botina. Era a demonstração de consideração com a autoridade que o visita, afirma o brigadeiro em seu depoimento.



D. Miguel Alagna e o chefe uau-uau

Na página seguinte, um pouco mais da vida na prelazia

# "Aqui se aprende a amar a Deus e servir à Pátria"

Na entrada da missão salesiana de Pari-Cachoeira, próximo da Colômbia, há uma placa com a inscrição: "Aqui se aprende a amar a Deus e a servir à Pátria". É lá que os índios tucano, desano e tuiú estudam desde 1940, no colégio da missão, aprendendo e transmitindo os costumes dos civilizados. O padre Eduardo Lagório, por exemplo, está desde 1943, no Amazonas, e até hoje aprende a língua dos tucanos — um idioma rico em sufixos, tempos e modos verbais.

Lagório se especializou em música e linguística, depois de assistir, na Itália, com 19 anos, um filme que contava a vida dos índios brasileiros, no Amazonas. Hoje, com cabelos brancos e um forte sotaque, ele lembra que desistiu do casamento, já marcado, para conhecer de perto danças, costumes e a língua dos silvícolas. E, garante, não se arrepende da mudança radical em sua vida.

Em Pari-Cachoeira, os índigenas costumam formar círculos e cantar, nos dias de festa, mantendo na mão direita um bastão, responsável pelo ritmo, e a esquerda sobre o ombro do companheiro. Depois de quatro a cinco passos, as mulheres entram na roda, colocam a cabeça no ombro do homem e imitam a "cobra canoa", personagem de uma das muitas lendas da região.

Essa lenda diz que Deus apresentou-se em forma de canoa para, no passado, trazer os índios à região do Amazonas, entre Belém e Manaus. Eles acreditam que os peixes são os responsáveis pela primeira manifestação de vida, na terra; depois, Deus transformou-se em canoa, com a forma de cobra, e entrou no rio Negro. Do ventre da cobra, saíram índios que passaram a viver como seres humanos.

Padre Eduardo Lagório entendeu essas manifestações da cultura indígena, após o estudo de sua língua. Ele conta que a música tem um sentido sagrado nas aldeias, semelhante a uma cerimônia religiosa. Os adultos dançam e, em seguida, sentam no chão para beber uma mistura fermentada e aspirar cocaína, em colheres, sem que isso altere o comportamento.

O missionário salesiano estudou e decorou músicas dos tucanos e chegou à conclusão que elas eram mal compreendidas pelos civilizados. Para provar isso, deixou os índigenas cantarem melodias até verificar que elas não agradavam a maioria dos ouvintes. Mais tarde, fez a mesma experiência, com uma diferença: o próprio padre passou a cantá-las acompanhado de um piano, e notou que a platéia, surpresa, gostou.

Meses depois, o padre teve outra satisfação. Quando procurava descobrir nas músicas silvícolas por que Deus é considerado uma entidade feminina, ouviu um discurso do então papa João Paulo I. E encontrou a resposta para suas dúvidas. O papa dizia que "Deus é pai e, principalmente, mãe".

Mesmo sempre, porém, os resultados são os esperados, quando se trata de verificar como os índigenas se adaptam a novas situações. Um antropólogo americano, por exemplo, instalou-se perto de Iauareté para estudar a cultura de uma tribo. O pesquisador queria desenvolver uma tese sobre a agressividade dos índigenas e a melhor forma foi oferecer-lhes o caxiri — uma bebida que não costumava tomar. Resultado: houve brigas e discussões que só terminaram com a presença de funcionários da Funai.

Em outra aldeia, na localidade de Nova Fundação, perto de Pari-Cachoeira, as dificuldades em pesquisar o modo de vida dos índigenas foram diferentes. Um antropólogo estrangeiro passou a viver na aldeia, sem roupas, procurando adaptar-se à rotina diária da tribo. Não conseguiu. Os índios não gostaram de sua presença, porque a cor da pele é diferente e, segundo eles, poderia servir de atração às mulheres.

As comunidades indígenas vendem à cooperativa sacas de sal por Cr\$ 300,00, enquanto os donos dos roçados cobram Cr\$ 900,00 pelo mesmo produto. Quando perceberam que o negócio era vantajoso, os índios passaram a trocar e comprar caixas de fósforo, açúcar, sabão, leite, arroz, redes de pesca e espingarda. Tudo isso, sem a interferência dos missionários salesianos.

Nem sempre, porém, os resultados são os esperados, quando se trata de verificar como os índigenas se adaptam a novas situações. Um antropólogo americano, por exemplo, instalou-se perto de Iauareté para estudar a cultura de uma tribo. O pesquisador queria desenvolver uma tese sobre a agressividade dos índigenas e a melhor forma foi oferecer-lhes o caxiri — uma bebida que não costumava tomar. Resultado: houve brigas e discussões que só terminaram com a presença de funcionários da Funai.

Em outra aldeia, na localidade de Nova Fundação, perto de Pari-Cachoeira, as dificuldades em pesquisar o modo de vida dos índigenas foram diferentes. Um antropólogo estrangeiro passou a viver na aldeia, sem roupas, procurando adaptar-se à rotina diária da tribo. Não conseguiu. Os índios não gostaram de sua presença, porque a cor da pele é diferente e, segundo eles, poderia servir de atração às mulheres.

Em toda a região do Vale dos Uaupés, no rio Negro, há cerca de 10 mil índios tucanos. Atualmente, a preocupação dos missionários é organizar os silvícolas em comunidades, para que eles possam cuidar de plantações agrícolas. Agindo assim, conseguirão manter-se com o próprio trabalho e até vender seus produtos, como já acontece hoje, para municípios, como São Gabriel da Cachoeira.

O ideal é torná-los auto-suficientes — afirma o padre salesiano — pois, no momento, eles precisam de uma injeção de tecnologia e não de altruísmo. Por que não permitir que haja esse intercâmbio? Os índios já demonstraram que têm capacidade para dirigir veículos, tomar conta de barcos, criar gado e descascar arroz. "Falta agora aprendermos o altruísmo com eles", completa Eduardo Lagório.

Na missão de Pari-Cachoeira funciona uma cooperativa de indígenas, a União Familiar Animadora Cristã, cujo presidente pertence à própria aldeia, o índio Henrique Castro. Ex-aluno dos missionários salesianos, Henrique procura atender 46 povoados, com 2.800 índios, que precisam de alimentos e materiais. Essa é a função da cooperativa.

A cada mês, a União Familiar produz 250 sacas de farinha, além de desenvolver a cultura do arroz, que já rendeu, na primeira colheita, uma tonelada. Os produtos, que incluem caadeiras e vassouras feitas com fio de cipó, atendem às necessidades das fa-

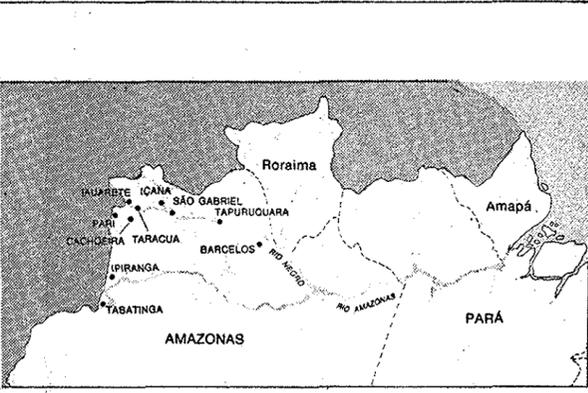
milias indígenas e evitam os atravessadores que, em seus roçados, oferecem as mesmas mercadorias por preços muito acima do mercado.

As comunidades indígenas vendem à cooperativa sacas de sal por Cr\$ 300,00, enquanto os donos dos roçados cobram Cr\$ 900,00 pelo mesmo produto. Quando perceberam que o negócio era vantajoso, os índios passaram a trocar e comprar caixas de fósforo, açúcar, sabão, leite, arroz, redes de pesca e espingarda. Tudo isso, sem a interferência dos missionários salesianos.

Nem sempre, porém, os resultados são os esperados, quando se trata de verificar como os índigenas se adaptam a novas situações. Um antropólogo americano, por exemplo, instalou-se perto de Iauareté para estudar a cultura de uma tribo. O pesquisador queria desenvolver uma tese sobre a agressividade dos índigenas e a melhor forma foi oferecer-lhes o caxiri — uma bebida que não costumava tomar. Resultado: houve brigas e discussões que só terminaram com a presença de funcionários da Funai.

Em outra aldeia, na localidade de Nova Fundação, perto de Pari-Cachoeira, as dificuldades em pesquisar o modo de vida dos índigenas foram diferentes. Um antropólogo estrangeiro passou a viver na aldeia, sem roupas, procurando adaptar-se à rotina diária da tribo. Não conseguiu. Os índios não gostaram de sua presença, porque a cor da pele é diferente e, segundo eles, poderia servir de atração às mulheres.

Em toda a região do Vale dos Uaupés, no rio Negro, há cerca de 10 mil índios tucanos. Atualmente, a preocupação dos missionários é organizar os silvícolas em comunidades, para que eles possam cuidar de plantações agrícolas. Agindo assim, conseguirão manter-se com o próprio trabalho e até vender seus produtos, como já acontece hoje, para municípios, como São Gabriel da Cachoeira.



Uma nova geração, com novos hábitos e costumes



No meio da floresta, a prelazia da aculturação



Correndo os rios, com suas canoas e superstições



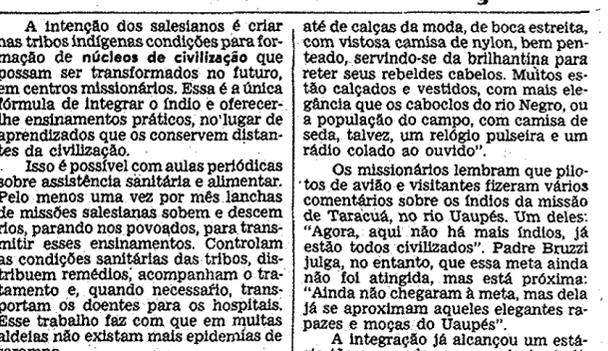
Sempre juntos, desafiando as velhas tradições



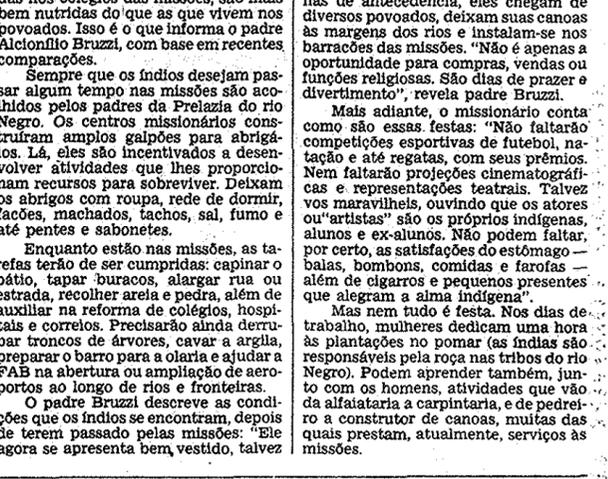
Uma nova geração, com novos hábitos e costumes



No meio da floresta, a prelazia da aculturação



Correndo os rios, com suas canoas e superstições



Sempre juntos, desafiando as velhas tradições

## Núcleos de civilização

A intenção dos salesianos é criar nas tribos indígenas condições para formação de núcleos de civilização que possam ser transformados no futuro, em centros missionários. Essa é a única fórmula de integrar o índio e oferecer-lhe ensinamentos práticos, no lugar de aprendizagens que os conservem distantes da civilização.

Isso é possível com aulas periódicas sobre assistência sanitária e alimentar. Pelo menos uma vez por mês lanchas de missões salesianas sobem e descem rios, parando nos povoados, para transmitir esses ensinamentos. Controlam as condições sanitárias das tribos, distribuem remédios, acompanham o tratamento e, quando necessário, transportam os doentes para os hospitais. Esse trabalho faz com que em muitas aldeias não existam mais epidemias de sarampo.

No caso de assistência alimentar, os resultados também superam as expectativas. As crianças indígenas, internadas nos colégios das missões, são mais bem nutridas do que as que vivem nos povoados. Isso é o que informa o padre Alcionílio Bruzzi, com base em recentes comparações.

Sempre que os índios desejam passar algum tempo nas missões são acolhidos pelos padres da Prelazia do rio Negro. Os centros missionários construíram amplos galpões para abrigar os índios. Lá, eles são incentivados a desenvolver atividades que lhes proporcionem recursos para sobreviver. Deixam os abrigos com roupa, rede de dormir, facões, machados, tachos, sal, fumo e até pentes e sabonetes.

Enquanto estão nas missões, as tarefas terão de ser cumpridas: capinar o pátio, tapar buracos, alargar rua ou estrada, recolher areia e pedra, além de auxiliar na reforma de colégios, hospitais e correios. Precisarão ainda derrubar troncos de árvores, cavar a argila, preparar o barro para a olaria e ajudar a FAB na abertura ou ampliação de aeroportos ao longo de rios e fronteiras.

O padre Bruzzi descreve as condições que os índios se encontram, depois de terem passado pelas missões: "Ele agora se apresenta bem vestido, talvez

até de calças da moda, de boca estreita, com vistosa camisa de nylon, bem penteado, servindo-se da brilhantina para reter seus rebeldes cabelos. Muitos estão calçados e vestidos, com mais elegância que os caboclos do rio Negro, ou a população do campo, com camisa de seda, talvez, um relógio pulseira e um rádio colado ao ouvido".

Os missionários lembram que pilotos de avião e visitantes fizeram vários comentários sobre os índios da missão de Taracua, no rio Uaupés. Um deles: "Agora, aqui não há mais índios, já estão todos civilizados". Padre Bruzzi julga, no entanto, que essa meta ainda não foi atingida, mas está próxima: "Ainda não chegaram à meta, mas dela já se aproximam aqueles elegantes rapazes e moças do Uaupés".

A integração já alcançou um estágio tão avançado que os próprios índigenas participam de festas religiosas (de Nossa Senhora, do Padroeiro, da Semana Santa e do Natal). Com semanas de antecedência, eles chegam de diversos povoados, deixam suas canoas às margens dos rios e instalam-se nas barracões das missões. "Não é apenas a oportunidade para compras, vendas ou funções religiosas. São dias de prazer e divertimento", revela padre Bruzzi.

Mais adiante, o missionário conta como são essas festas: "Não faltaram competições esportivas de futebol, natação e até regatas, com seus prêmios. Nem faltaram projeções cinematográficas e representações teatrais. Talvez vos maravilheis, ouvindo que os atores ou "artistas" são os próprios indígenas, alunos e ex-alunos. Não podem faltar, por certo, as satisfações do estômago — balas, bombons, comidas e farofas — além de cigarros e pequenos presentes que alegrem a alma indígena".

Mas nem tudo é festa. Nos dias de trabalho, mulheres dedicam uma hora às plantações no pomar (as índias são responsáveis pela roça nas tribos do rio Negro). Podem aprender também, junto com os homens, atividades que vão da alfaiataria a carpintaria, e de pedreiro a construtor de canoas, muitas das quais prestam, atualmente, serviços às missões.

Contato com os civilizados, com exceção dos missionários é pequeno. Até hoje, os índigenas não gostam de tomar água; preferem caldo de cana e goma de tapieira. E são poucos — "uns dois ou três" — que praticam a poligamia. As meninas que estão em idade de casar, costumam andar de mãos dadas e em grupos. O índio Euca é o chefe da tribo, há 26 anos, e o principal responsável, segundo as missionárias, "pela harmonia existente entre os uau-uau".

Contato com os civilizados, com exceção dos missionários é pequeno. Até hoje, os índigenas não gostam de tomar água; preferem caldo de cana e goma de tapieira. E são poucos — "uns dois ou três" — que praticam a poligamia. As meninas que estão em idade de casar, costumam andar de mãos dadas e em grupos. O índio Euca é o chefe da tribo, há 26 anos, e o principal responsável, segundo as missionárias, "pela harmonia existente entre os uau-uau".

Contato com os civilizados, com exceção dos missionários é pequeno. Até hoje, os índigenas não gostam de tomar água; preferem caldo de cana e goma de tapieira. E são poucos — "uns dois ou três" — que praticam a poligamia. As meninas que estão em idade de casar, costumam andar de mãos dadas e em grupos. O índio Euca é o chefe da tribo, há 26 anos, e o principal responsável, segundo as missionárias, "pela harmonia existente entre os uau-uau".

Contato com os civilizados, com exceção dos missionários é pequeno. Até hoje, os índigenas não gostam de tomar água; preferem caldo de cana e goma de tapieira. E são poucos — "uns dois ou três" — que praticam a poligamia. As meninas que estão em idade de casar, costumam andar de mãos dadas e em grupos. O índio Euca é o chefe da tribo, há 26 anos, e o principal responsável, segundo as missionárias, "pela harmonia existente entre os uau-uau".

Contato com os civilizados, com exceção dos missionários é pequeno. Até hoje, os índigenas não gostam de tomar água; preferem caldo de cana e goma de tapieira. E são poucos — "uns dois ou três" — que praticam a poligamia. As meninas que estão em idade de casar, costumam andar de mãos dadas e em grupos. O índio Euca é o chefe da tribo, há 26 anos, e o principal responsável, segundo as missionárias, "pela harmonia existente entre os uau-uau".

Contato com os civilizados, com exceção dos missionários é pequeno. Até hoje, os índigenas não gostam de tomar água; preferem caldo de cana e goma de tapieira. E são poucos — "uns dois ou três" — que praticam a poligamia. As meninas que estão em idade de casar, costumam andar de mãos dadas e em grupos. O índio Euca é o chefe da tribo, há 26 anos, e o principal responsável, segundo as missionárias, "pela harmonia existente entre os uau-uau".

## Em Iauareté, uma das maiores missões

Em Iauareté, às margens do rio Pari, na fronteira com a Colômbia, há uma das maiores missões salesianas do País, com pouco mais de 400 alunos índios. Além disso, há outras 32 escolas em regiões pouco habitadas, algumas a uma distância que corresponde a uma viagem de oito dias de barco, mas que não deixam de ser visitadas pelas freiras. Elas atravessam cachoeiras traiçoeiras, dormem em barracos improvisados na selva e andam sempre em grupos.

Os missionários incentivam a criação de gado em 15 povoados, com bons resultados; alguns índios já se acostumaram a tomar leite, diariamente. Na escola central, na fronteira com a Colômbia, há diversos cursos, como o de medicamentos e o de formação de parteiras. Neles, os silvícolas aprendem a aplicar injeções, identificar remédios, sem deixar de lado as atividades preferidas, como o artesanato.

Na tribo dos uau-uau, no povoado de Mpuera, rio Trombetas, 643 silvícolas recebem ajuda da Missão Cristã Religiosa — uma ordem protestante, dos Estados Unidos. Durante 20 anos, eles viveram na Guiana, e até aprenderam a falar inglês, mas decidiram voltar para a terra de seus ancestrais, no Amazonas.

São saudáveis e diferentes de multitudes da América do Sul, pois gostam de cultivar a roça, caçar e pescar. Flôrencia

as, a de Iauareté cuida de crianças gemelas abandonadas pelos pais, ou enterreadas vivas, pouco depois do nascimento. Motivo: os índios condenam o nascimento de gêmeos e, sempre, têm um argumento para justificar o seu abandono. Lillian de Jesus, de um ano, da tribo dos macús, foi jogada no lixo, porque seus pais a consideram "feia". Descoberta, ela está sendo criada pelos salesianos; seu irmão gêmeo, acélio pela família, continua vivendo na aldeia.

Na tribo dos uau-uau, no povoado de Mpuera, rio Trombetas, 643 silvícolas recebem ajuda da Missão Cristã Religiosa — uma ordem protestante, dos Estados Unidos. Durante 20 anos, eles viveram na Guiana, e até aprenderam a falar inglês, mas decidiram voltar para a terra de seus ancestrais, no Amazonas.

São saudáveis e diferentes de multitudes da América do Sul, pois gostam de cultivar a roça, caçar e pescar. Flôrencia

Na tribo dos uau-uau, no povoado de Mpuera, rio Trombetas, 643 silvícolas recebem ajuda da Missão Cristã Religiosa — uma ordem protestante, dos Estados Unidos. Durante 20 anos, eles viveram na Guiana, e até aprenderam a falar inglês, mas decidiram voltar para a terra de seus ancestrais, no Amazonas.

São saudáveis e diferentes de multitudes da América do Sul, pois gostam de cultivar a roça, caçar e pescar. Flôrencia

Na tribo dos uau-uau, no povoado de Mpuera, rio Trombetas, 643 silvícolas recebem ajuda da Missão Cristã Religiosa — uma ordem protestante, dos Estados Unidos. Durante 20 anos, eles viveram na Guiana, e até aprenderam a falar inglês, mas decidiram voltar para a terra de seus ancestrais, no Amazonas.

São saudáveis e diferentes de multitudes da América do Sul, pois gostam de cultivar a roça, caçar e pescar. Flôrencia

Na tribo dos uau-uau, no povoado de Mpuera, rio Trombetas, 643 silvícolas recebem ajuda da Missão Cristã Religiosa — uma ordem protestante, dos Estados Unidos. Durante 20 anos, eles viveram na Guiana, e até aprenderam a falar inglês, mas decidiram voltar para a terra de seus ancestrais, no Amazonas.

São saudáveis e diferentes de multitudes da América do Sul, pois gostam de cultivar a roça, caçar e pescar. Flôrencia

Na tribo dos uau-uau, no povoado de Mpuera, rio Trombetas, 643 silvícolas recebem ajuda da Missão Cristã Religiosa — uma ordem protestante, dos Estados Unidos. Durante 20 anos, eles viveram na Guiana, e até aprenderam a falar inglês, mas decidiram voltar para a terra de seus ancestrais, no Amazonas.

São saudáveis e diferentes de multitudes da América do Sul, pois gostam de cultivar a roça, caçar e pescar. Flôrencia

Na tribo dos uau-uau, no povoado de Mpuera, rio Trombetas, 643 silvícolas recebem ajuda da Missão Cristã Religiosa — uma ordem protestante, dos Estados Unidos. Durante 20 anos, eles viveram na Guiana, e até aprenderam a falar inglês, mas decidiram voltar para a terra de seus ancestrais, no Amazonas.

da para as festas e comemorações da maioria das famílias da tribo.

Uma das festas mais importantes é a do Natal. Muitos adultos deixaram a aldeia, no começo da semana, e penetram na floresta para caçar animais que serão servidos no noite do dia 24. É costume entre os caçadores entrar na aldeia com porcos, antas, peixes e passáros presos em cestas e enfeitados com penas. Gostam de enfiar a caça, a exemplo do que fazem com o próprio corpo.

O contato com os civilizados, com exceção dos missionários é pequeno. Até hoje, os índigenas não gostam de tomar água; preferem caldo de cana e goma de tapieira. E são poucos — "uns dois ou três" — que praticam a poligamia. As meninas que estão em idade de casar, costumam andar de mãos dadas e em grupos. O índio Euca é o chefe da tribo, há 26 anos, e o principal responsável, segundo as missionárias, "pela harmonia existente entre os uau-uau".

O contato com os civilizados, com exceção dos missionários é pequeno. Até hoje, os índigenas não gostam de tomar água; preferem caldo de cana e goma de tapieira. E são poucos — "uns dois ou três" — que praticam a poligamia. As meninas que estão em idade de casar, costumam andar de mãos dadas e em grupos. O índio Euca é o chefe da tribo, há 26 anos, e o principal responsável, segundo as missionárias, "pela harmonia existente entre os uau-uau".

O contato com os civilizados, com exceção dos missionários é pequeno. Até hoje, os índigenas não gostam de tomar água; preferem caldo de cana e goma de tapieira. E são poucos — "uns dois ou três" — que praticam a poligamia. As meninas que estão em idade de casar, costumam andar de mãos dadas e em grupos. O índio Euca é o chefe da tribo, há 26 anos, e o principal responsável, segundo as missionárias, "pela harmonia existente entre os uau-uau".

O contato com os civilizados, com exceção dos missionários é pequeno. Até hoje, os índigenas não gostam de tomar água; preferem caldo de cana e goma de tapieira. E são poucos — "uns dois ou três" — que praticam a poligamia. As meninas que estão em idade de casar, costumam andar de mãos dadas e em grupos. O índio Euca é o chefe da tribo, há 26 anos, e o principal responsável, segundo as missionárias, "pela harmonia existente entre os uau-uau".

O contato com os civilizados, com exceção dos missionários é pequeno. Até hoje, os índigenas não gostam de tomar água; preferem caldo de cana e goma de tapieira. E são poucos — "uns dois ou três" — que praticam a poligamia. As meninas que estão em idade de casar, costumam andar de mãos dadas e em grupos. O índio Euca é o chefe da tribo, há 26 anos, e o principal responsável, segundo as missionárias, "pela harmonia existente entre os uau-uau".

O contato com os civilizados, com exceção dos missionários é pequeno. Até hoje, os índigenas não gostam de tomar água; preferem caldo de cana e goma de tapieira. E são poucos — "uns dois ou três" — que praticam a poligamia. As meninas que estão em idade de casar, costumam andar de mãos dadas e em grupos. O índio Euca é o chefe da tribo, há 26 anos, e o principal responsável, segundo as missionárias, "pela harmonia existente entre os uau-uau".

O contato com os civilizados, com exceção dos missionários é pequeno. Até hoje, os índigenas não gostam de tomar água; preferem caldo de cana e goma de tapieira. E são poucos — "uns dois ou três" — que praticam a poligamia. As meninas que estão em idade de casar, costumam andar de mãos dadas e em grupos. O índio Euca é o chefe da tribo, há 26 anos, e o principal responsável, segundo as missionárias, "pela harmonia existente entre os uau-uau".

O contato com os civilizados, com exceção dos missionários é pequeno. Até hoje, os índigenas não gostam de tomar água; preferem caldo de cana e goma de tapieira. E são poucos — "uns dois ou três" — que praticam a poligamia. As meninas que estão em idade de casar, costumam andar de mãos dadas e em grupos. O índio Euca é o chefe da tribo, há 26 anos, e o principal responsável, segundo as missionárias, "pela harmonia existente entre os uau-uau".

O contato com os civilizados, com exceção dos missionários é pequeno. Até hoje, os índigenas não gostam de tomar água; preferem caldo de cana e goma de tapieira. E são poucos — "uns dois ou três" — que praticam a poligamia. As meninas que estão em idade de casar, costumam andar de mãos dadas e em grupos. O índio Euca é o chefe da tribo, há 26 anos, e o principal responsável, segundo as missionárias, "pela harmonia existente entre os uau-uau".

O contato com os civilizados, com exceção dos missionários é pequeno. Até hoje, os índigenas não gostam de tomar água; preferem caldo de cana e goma de tapieira. E são poucos — "uns dois ou três" — que praticam a poligamia. As meninas que estão em idade de casar, costumam andar de mãos dadas e em grupos. O índio Euca é o chefe da tribo, há 26 anos, e o principal responsável, segundo as missionárias, "pela harmonia existente entre os uau-uau".

## Atravessa-se a avenida da Amizade. É quase um novo país

Em Tabatinga, na fronteira com a Colômbia e o Peru, há povoados indianos. Lá, basta atravessar a pé a avenida da Amizade para se falar o português e sentir-se em outro país. As diferenças, porém, são menores do que se imagina: os brasileiros já se acostumaram a dançar a cumbia, enquanto colombianos, de Letícia, gostam muito do samba.

Palavras colombianas já foram incorporadas à língua portuguesa, na fronteira. A mais famosa é vioneta (um

pequeno hidroavião) enquanto os castelhanos usam muito as expressões "sufoco" e "malandro". A população das duas cidades, inclusive o vice-cônsul do Brasil, em Letícia, anda com cruzeiros num bolso, e pesos no outro. Paga-se lázi e se faz compras com qualquer uma das duas moedas. Não há discriminação.

Letícia tem melhores hotéis, um comércio dinâmico de artigos estrangeiros, clubes e boates. Para lá, dirigem-se, diariamente, mil brasileiros em busca de trabalho. Eles trabalham, basicamente, como garçons, domésticas, motoristas e na construção civil. Em Tabatinga, está situado o Comando de Fronteiras do Solimões, do Exército.

A agência do Banco do Brasil, em Tabatinga, coloca, mensalmente, um milhão de dólares no mercado de Letícia, para retribuir os cruzeiros em circulação. Adalberto Cruz, vice-cônsul do Brasil, em Letícia, explica que essa é a única forma de se manter a moeda brasileira dentro do País.

O consúl tem reclamações a fazer. Uma delas: os turistas que querem conhecer o Amazonas, não podem fazê-lo, porque não há navios de Tabatinga a Manaus. Outros ainda criticam o contrabando de macacos, em toda a região, que são levados para os Estados Unidos, onde servem de cobaias nos grandes laboratórios farmacêuticos.

Viajar pelo Amazonas, com os velhos Catalinas, os aviões anfíbios, é uma aventura. Eles pousam e decolam, há 40 anos, levando mercadorias e correspondências. Voam a uma velocidade de 300 quilômetros por hora a baixa altura, quase raspando na copa das árvores. E quando têm de fazer um pouso forçado escolhem o primeiro rio, lago, ou terreno plano, sem vegetação.

Há poucos Catalinas viajando pelo Amazonas. Na verdade, eles já começaram a ser desativados. A última re-

visão foi feita, recentemente, e lhes garante ainda mais três anos de serviço. De todos os aviões, no entanto, ele é o que se adaptou com mais facilidade às condições da região.

Seu interior lembra mais um navio, com escotilhas e compartimentos, separando cada dependência. Não há sistema de refrigeração de ar, as janelas são retangulares, os pteos de madeira, além de bancos laterais e contêineres. As várias adaptações feitas nos Catalinas deram uma característica especial à cabina de comando: palavrão em inglês, como frequency, misturam-se com expressões, como "embalar", "bomba" e "gás".

Há um forte cheiro de gasolina e um intenso ruído dentro do Catalina, pois ele não possui um sistema de vedação acústica. Seus equipamentos foram superdimensionados, o que demonstra que não havia preocupação com leveza e economia de custo. O projeto do avião foi desenvolvido em 1935, mas até hoje é observado, com curiosidade, pelos especialistas em aviação.

O coronel Francisco Florêncio de Assis e o capitão Fernando dos Santos

de Iauareté, a missão que há 28 anos vive com os índios, explica o comportamento dos uau-uau. "Eles não veneram mais o espírito dos animais. Tornaram-se crentes. Andam com Deus e são agradáveis com as pessoas".

A missionária garante que a transformação não prejudicou a cultura dos índios, que permanece a mesma. Cerca de 170 crianças frequentam a escola e, após de aprender a língua uau-uau é que passam a estudar o português. Alguns jovens deixaram a família para morar em Altamira e Santarém, mas a maioria não quer viver longe da aldeia.

Todos os domingos eles reúnem-se para estudar a bíblia (agora ela está sendo traduzida para o idioma dos uau-uau) e cantar hinos. Moram em palafitas, construídas precariamente. Quando elas desabam, mudam para outros locais, onde iniciam uma nova habitação. Há uma casa grande no centro da aldeia reserva-

da para as festas e comemorações da maioria das famílias da tribo.

Uma das festas mais importantes é a do Natal. Muitos adultos deixaram a aldeia, no começo da semana, e penetram na floresta para caçar animais que serão servidos no noite do dia 24. É costume entre os caçadores entrar na aldeia com porcos, antas, peixes e passáros presos em cestas e enfeitados com penas. Gostam de enfiar a caça, a exemplo do que fazem com o próprio corpo.

O contato com os civilizados, com exceção dos missionários é pequeno. Até hoje, os índigenas não gostam de tomar água; preferem caldo de cana e goma de tapieira. E são poucos — "uns dois ou três" — que praticam a poligamia. As meninas que estão em idade de casar, costumam andar de mãos dadas e em grupos. O índio Euca é o chefe da tribo, há 26 anos, e o principal responsável, segundo as missionárias, "pela harmonia existente entre os uau-uau".

O contato com os civilizados, com exceção dos missionários é pequeno. Até hoje, os índigenas não gostam de tomar água; preferem caldo de cana e goma de tapieira. E são poucos — "uns dois ou três" — que praticam a poligamia. As meninas que estão em idade de casar, costumam andar de mãos dadas e em grupos. O índio Euca é o chefe da tribo, há 26 anos, e o principal responsável, segundo as missionárias, "pela harmonia existente entre os uau-uau".

O contato com os civilizados, com exceção dos missionários é pequeno. Até hoje, os índigenas não gostam de tomar água; preferem caldo de cana e goma de tapieira. E são poucos — "uns dois ou três" — que praticam a poligamia. As meninas que estão em idade de casar, costumam andar de mãos dadas e em grupos. O índio Euca é o chefe da tribo, há 26 anos, e o principal responsável, segundo as missionárias, "pela harmonia existente entre os uau-uau".

O contato com os civilizados, com exceção dos missionários é pequeno. Até hoje, os índigenas não gostam de tomar água; preferem caldo de cana e goma de tapieira. E são poucos — "uns dois ou três" — que praticam a poligamia. As meninas que estão em idade de casar, costumam andar de mãos dadas e em grupos. O índio Euca é o chefe da tribo, há 26 anos, e o principal responsável, segundo as missionárias, "pela harmonia existente entre os uau-uau".

O contato com os civilizados, com exceção dos missionários é pequeno. Até hoje, os índigenas não gostam de tomar água; preferem caldo de cana e goma de tapieira. E são poucos — "uns dois ou três" — que praticam a poligamia. As meninas que estão em idade de casar, costumam andar de mãos dadas e em grupos. O índio Euca é o chefe da tribo, há 26 anos, e o principal responsável, segundo as missionárias, "pela harmonia existente entre os uau-uau".

O contato com os civilizados, com exceção dos missionários é pequeno. Até hoje, os índigenas não gostam de tomar água; preferem caldo de cana e goma de tapieira. E são poucos — "uns dois ou três" — que praticam a poligamia. As meninas que estão em idade de casar, costumam andar de mãos dadas e em grupos. O índio Euca é o chefe da tribo, há 26 anos, e o principal responsável, segundo as missionárias, "pela harmonia existente entre os uau-uau".